

(2) V. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Notas Vicentinas*, I (Gil Vicente em Bruxelas), Edição da Revista “Ocidente”, Lisboa, s/d., p. 55.

(In *A Ordem*, Rio de Janeiro, out.1949, p. 230-233.)

AS REGRAS DE BEM VIVER EM “OS LUSÍADAS”.

(1980)

[Comunicação à III Reunião Internacional
de Camonistas, em Coimbra.]

Hesitei antes de dar título a este ensaio: “regras de bem viver”? Parecia-me, e parece-me, que seria útil empreender um estudo sistemático dos ditos sentenciosos que enxameiam na obra do épico, tão ricos são eles de conteúdo e tão reveladores de uma sabedoria haurida no estudo, sim, mas principalmente na experiência intensamente vivida. Certamente não é este o lugar nem a ocasião para tal estudo, mas tem plena cabida acenar para ele, convocar interessados e voluntários, fazer, enfim, um convite formal. É possível até que um dos atendentes ao convite venha a ser o próprio convidante de hoje.

Abalancei-me ao ensaio, apesar do título imperfeito, porque, ao que me conste, o assunto ainda não mereceu especial atenção dos muitos camonistas de hoje e de outrora. E se estou enganado, que me contestem e relevem a minha ignorância, aliás, de si, injustificável numa assembléia como esta ⁽¹⁾.

“Regras de *bem viver*”... vá lá. Porque, afinal, são regras de vida essas que colhi na epopéia. E regras de *bem viver*, tomando-se o advérbio na tríplice área semântica do *bonum* da Filosofia Clássica: *honestum, utile, delectabile*. O bem procurado por si mesmo, como conveniente à natureza racional do homem; o bem buscado, como simples meio relativamente a outro; o bem consistente no desfrute de outro bem alcançado.

Verdade é que não topei em Camões nenhuma regra de viver alinhável na terceira categoria. Apenas uma classificável como pragmática, repetidora, aliás, com muito mais apuro de forma, de um provérbio ou brocardo latino - “A ocasião é careca” - isto é, desprovida de cabelos: em passando, cumpre pegá-la de cernelha, não nos escape.

O nosso Poeta deixa ao malvado Baco o conselho de aproveitar a fugidia ocasião para se alcançar o pretendido, no caso, deitar a perder o nobre Gama, porque não chegue nunca à Índia desejada:

Eu decerei à terra e o indignado
Peito revolverei da maura gente;
Porque *sempre por via irá direita*
Quem do oportuno tempo se aproveita. (I, 76)

Claro que mal intencionado andava Baco, mas a utilização do oportuno tempo independe da tenção danada, pode legitimamente ser feita por quem, de coração limpo, empreenda um ato bom. Ou até neutro. Mais facilmente, certo, o conseguirá se meter a foíce na hora justa.

Remontam à mais alta antigüidade as regras ou normas de vida, quase sempre concisas, lapidares, convincentes, apelativas, nascidas da madura experiência, acumulada, comprovada, transmitida de geração em geração. Neste trajeto ao longo do tempo é que elas se terão depurado, decantado, assumindo, por fim, uma forma perfeita, vernácula, exemplar. Dada sua natureza apelativa (penso em Bühler), valem-se de recursos fonostilísticos, quais a aliteração ou, mais freqüente, o homeoteleuto: “Duro com duro não faz bom muro”; “Varão, manda ele e ela não; varela, manda ele e manda ela; varunca, manda ela e ele nunca”; “Quem em tudo sua mulher contenta cornudo depressa se apresenta”; “Péché avoué est à demi pardonné”; “La pluie du matin réjouit le pèlerin”; “Nocumentum documentum”; “Si uis uiuere sane debes cottidie cacare mane”.

Esses ditos sentenciosos têm vária origem, aspecto multiplicado, conteúdos eventualmente conflitantes, estrutura multifária e, compendiados e estudados, constituem aquilo que se poderia chamar a “filosofia de vida” de um povo. Mais: o estudo comparativo, endógeno e exógeno (digamos assim), de tais frases conceituosas, preceptivas ou pragmáticas, leva a conclusões confortantes umas, decepcionantes outras. Descobriremos coincidências, u.g. “duro com duro não faz bom muro” e “dois bicudos não se beijam”, - discordâncias e até contradições, isto tanto na exploração endógena como na exógena.

A razão das concordâncias é óbvia; a das discordâncias e contradições é que poderia constituir problema. Como e porque ante a mesma situação conselhos antagônicos? É que o homem é vário e inconstante, ora quer o bem, ora prefere o mal. Num caso, deleita-se com a verdade, noutra a detesta. Já o vira, há mil e quinhentos anos, Santo Agostinho, que, cheio de sabedoria, o explica: *Amant ueritatem lucentem, oderunt eam redargentem.* (Conf. X, cap. 23, 34). Não poucos homens se regalam com a verdade, quando seu agir e gostos recebem dela concordância; passam a detestá-la com todas as veras, quando os contraria, quando lhes condena os atos ou não lhes aplaude a escolha. Note-se que todo esse esplêndido parágrafo trinta e quatro das *Confissões* nada mais é que sagacíssima e preciosa explicação de um dito, também sentencioso, do compatriota do grande doutor cartaginense, Terêncio, inserto em *Andria*, 68: *ueritas parit odium.*

Entre os espécimes da fauna humana, existem uns que amam o bem por si mesmo, outros que o desamam por si mesmo, tais outros que aceitam as

normas do reto agir mas não nas seguem, ao menos quando lhes contraria os interesses *hic et nunc*. Os detestadores do bem filiam-se àquele demônio do *Paraíso Perdido*, que, emerso das profundezas, fita o sol e lhe diz: “És belo e luminoso, mas eu te odeio!”

Ai está a razão dos conselhos contraditórios na “sabedoria” popular - *uariante causa, uariatur effectus*, como assinalam as tabuinhas de Bacon.

Cabe outra indagação neste assunto que ora nos ocupa: porque é tão abundante a nomenclatura relativa a esse tipo de textos paremiológicos? Cobrirá cada depositante um significado diferente ?

Embora não sejam do meu feitio nem do meu gosto as citações largas, transcrevo aqui um verbete do *Dicionário de Sinônimos*, do festejado e saudoso lingüista brasileiro Antenor Nascentes, para que, já não ouvindo-o, senão lendo-o depois, meditadamente, concordem ou discordem:

ADÁGIO, AFORISMO, ANEXIM, APOTEGMA, AXIOMA, BROCARDO, DITADO, DITO, MÁXIMA, PAREMIA, PENSAMENTO, PROLÓQUIO, PROVÉRBIO, RIFÃO, SENTENÇA – *Adágio* é um provérbio antiquado e anônimo. *Aforismo* é uma curta prescrição de um tratado científico, sobretudo de medicina; são célebres os de Hipócrates. *Anexim* é um dito picante, chulo, em linguagem rude, como aqueles de que usa comumente o povo. *Apotegma* é palavra memorável de homem notável, sobretudo dos antigos; Plutarco colecionou muitos, de reis e generais lacedemônios. *Axioma* é uma verdade evidente por si mesma; encontra-se muito na matemática. *Brocardo* é regra jurídica concisa, como as constantes do Livro I, título XVII, do Digesto, *De diuersis regulis iuris antiqui*. *Ditado* é frase popular, curta, anônima, na qual se dá uma noção, um conceito vulgar, um bom conselho. *Dito* é frase pronunciada em tom de pilhéria. *Máxima* é um pensamento importante, no ponto de vista prático, um sábio conselho dado em poucas palavras e tendo autor conhecido; são notáveis as de La Rochefoucauld. *Paremia* é a expressão proverbial em que predomina a feição alegórica. *Pensamento* é o juízo enunciado com intenção de exprimir, de modo simples, mas com certa eloquência, uma verdade, um conselho útil, fruto da meditação; são notáveis os de Pascal. *Prolóquio* é sentença filosófica com que se inicia discurso ou escrito, anunciando o assunto ou ponto de vista do orador ou do escritor. *Provérbio* é máxima ou sentença, popularizada e consagrada pelo uso, podendo ter autor conhecido; são célebres os de Salomão. *Rifão* é o provérbio que anda repetido na boca do povo, como se repete o estribilho de uma canção (fr. *refrain*). *Sentença* é provérbio de sentido profundo, com caráter literário ou oratório, solene, brilhante na forma; são notáveis as de Públio Siro (op. cit., Rio, Livros de Portugal, 1969, s.u., pp. 33-34).

Os “ditos sentenciosos” (para lhes dar um rótulo genérico) quase sempre são anônimos, tanto é verdade que integram a cultura de um povo, tomada a palavra “cultura” em sentido antropológico. São repetidos a cada passo, transitam de uma geração a outra, aparecem com assídua freqüência na pena dos escritores, que, aliás, muita vez os põem na boca de seus personagens, qual se vê, por exemplo, nas falas de Sancho Pança. Anônimos, sim, mas evidentemente não caídos do céu por acaso: alguém os cunhou. Depois, ouvidos, aprovados, difundidos, quiçá retocados e apurados, esquecem o autor e vêm a tornar-se patrimônio da comunidade.

Isto não impede, claro está, que o escritor A ou B elabore, e com requinte, novos “ditos sentenciosos”. Aliás, a ressalva é quase tautológica. O que, no entanto, eu quis dizer é que, além de se utilizar do acervo tradicional, o escritor forja novos, esculpe-os, encaixa-os num contexto, para lhes precisar bem o conteúdo ético, utilitário ou agradável.

Tal fizeram sempre os grandes escritores, da idade clássica, da média e da moderna. Os latinos nos legaram não poucos primores nesse terreno. Que nos seja permitido trazer um que outro, para ilustrar e para que todos aqui *ament meminisse*. Que nos venha o *Labor omnia uincit improbus*, de Virgílio (*Georg.*, I, 144-45); ou aquele, cheio de amarga sabedoria, do triste Ovídio (*Trist.*, I, 1, 5): *Donec eris felix multos numerabis amicos; / Tempora si fuerint nubila, solus eris.* (*Trist.*, I, 1,5-6). Ou, do mesmo Sulmonense, aquele esplêndido conselho e prevenção do palinódico *Remedium amoris*: “Principiis obsta: sero medicina paratur / cum mala per longas inualuere moras.” (I, 91-92). O Mantuano não tinha razão quando decantava Lucrécio, mas, fazendo-o, deu-nos incentivo a que sondemos os arcanos: “Felix qui potuit rerum cognoscere causas” (*Georg.*, II, 489).

Já na aurora dos tempos modernos, mas todo impregnado do mais alto espírito do médio-evo, Dante nos legou ricos “conceitos”, alguma vez “sotto ‘l velame de li versi strani” (*Inf.*, IX, 61), e entre tais primores se inclui aquele em que, a um tempo, nos aflige e consola, com lembrar que “Nessun maggior dolore / che ricordarsi del tempo felice / nella miseria” (V, 121-23). Aliás, diga-se de passagem, que o divino poeta está quase traduzindo um dos seus mestres, Santo Tomás de Aquino: “Memoria praeteritorum bonorum ... in quantum sunt amissa, causat tristitiam” (*Summa Theol.*, II^a II^{ae}, q. 36, a. 1).

Entre as muitas “sentenças” que Petrarca foi deixando cair ao longo de sua grande obra, Camões aproveitou esta, *uerbis*⁽²⁾: “Tra la spica e la man qual muro è messo” (IX, 78).

Escusado, e ainda uma vez tautológico, dizer que para esse opulento acervo de “ditos sentenciosos” contribuíram largamente os “profissionais”, ou seja, os moralistas. Creio que não estarei sendo subjetivista, ao menos muito subjetivista, colocando em primeiro lugar, entre os latinos, a Sêneca.

Assim municiado e assim estimulado quase não podia deixar Camões de pontilhar sua epopéia com ditos, conceitos e sentenças, que extrai, por assim dizer, dos acontecimentos que narra ou que comenta. Estas sentenças tais valem por si, desligadas do contexto e, em certos casos, até ao arrepio do contexto. O mais das vezes são normas de bem viver *secundum uirtutem*, homem de excelente formação moral que era. Mas podem também ser regras pragmáticas, de muita serventia para alguém se defender de um perigo ou para ser bem sucedido em transe dificultosos.

De acordo com o ritmo da narrativa, ou o desenrolar do epos ou a tensão do discurso ou a atitude do emissor, varia no correr do poema a freqüência desses *memorabilia Camonis dicta*. Assíduos no primeiro e segundo cantos, rareiam depois, para reaparecerem numerosos no oitavo, que termina com aquela magnífica objurgatória ao dinheiro, “metal luzido e louro”:

Este rende munidas fortalezas;
Faz treedores e falsos os amigos;
Este a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega capitães aos inimigos;
Este corrompe virginais purezas,
Sem temer de honra ou fama alguns perigos;
Este deprava às vezes as ciências,
Os júzfos cegando e as consciências.

Este interpreta mais que sutilmente
Os textos; este faz e desfaz leis;
Este causa os perjúrios entre a gente
E mil vezes tiranos torna os reis.
Até os que só a Deus omnipotente
Se dedicam, mil vezes ouvireis
Que corrompe este enganador, e ilude,
Mas não sem cor, com tudo, de virtude. (VIII, 98-99.)

Seria de tentar uma classificação dos aforismos camonianos, mas, ao parecer, não se chegaria a resultado satisfatório, tão vários são eles, decorrentes sempre de uma situação descrita e imaginariamente vivida.

Em todo caso, repito, predominam absolutamente os conceitos morais, emanados de seguros princípios da Ética natural. São conclusões tiradas por uma consciência reta, iluminada pela sabedoria, que não pela ciência. Do que se disse, do episódio narrado, dos diálogos travados se infere que o certo é fazer isto ou aquilo. E esta inferência, induzida, transforma-se agora numa regra aplicável a conjunturas análogas.

Princípios ou normas de Ética natural, sim, mas, não raro, na aguda percepção camonianiana, transfigurados em preceitos de moral cristã, sobrenatural. Isto porque o maior Poeta da nossa língua foi rigorosamente ortodoxo, conforme tive já oportunidade de demonstrar: era católico convicto e muito esclarecido. Aceitou integralmente a Revelação e admitiu, sinceramente, cada uma das conseqüências do “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”. Aí incluiu, não há negar, a virtude da temperança e sua anexa, a castidade. Se não praticou esta, foi por fraqueza. Aplica-se-lhe em cheio o que Ovídio faz Medéia dizer nas *Metamorfoses* (VII, 20):

Video meliora, proboque; deteriora sequor.

Aliás, isto, em escala maior ou menor, é a íntima tragédia de todos nós, é não nos comportarmos em tudo e por tudo como nos manda a consciência. É capitular ao amor próprio, ao interesse, ao egoísmo, a esta ou àquela paixão, neste ou naquele momento, ou - pior, e aí de nós - sempre. Nem os santos escapam ilesos à fraqueza ínsita - “Também dos portugueses alguns tredores houve algúas vezes” (*Lus. IV, 33*). São Paulo, o arauto de Cristo, a Ele rendido desde a estrada de Damasco, o Apóstolo nos previne, prevenido ele pela própria experiência: “Não faço o bem que quero, mas pratico o mal que abomino” (*Rom. 7, 19*).

Tornando a Camões: se não é possível classificar os “ditos sentenciosos” notáveis na epopéia, é possível e até necessário verificar e proclamar que são maioria os relativos à virtude da força. Isto talvez porque, naqueles tempos do Portugal quatrocentista e quinhentista, era esta a virtude mais estimada, mais procurada, mais exercitada. A incompreensível expansão marítima portuguesa e o estabelecimento do Império foi obra de contagiante coragem. Para usar uma detestável palavra da moda, foi obra de “socialização” da coragem, se virtude fora coisa passível de ter sujeito coletivo. Muito melhor: foi uma epifania da *força*. Não, é claro, força-poder, força-violência, mas força interior, capacidade de dominar o medo, de vencer a natureza, de submeter as faculdades ao império da razão.

Já se disse que mais dificultoso é vencer-se a si mesmo que vencer o mundo, e a razão é que só pode vencer o mundo quem foi capaz de vencer-se.

Por isso, muito bem formado e informado e extremamente perspicaz, demorou-se Camões no elogio da fortaleza e soube vituperar e declarar desprezível a fraqueza. Mais: sentiu-se no dever de para ela chamar a atenção dos contemporâneos, surpreendendo-a e denunciando-a principalmente nos lugares e situações em que ela se oculta e se disfarça sob capa de força, de coragem, de valentia ou, já noutra pauta, de conveniência.

Fica patente isto no episódio de Inês de Castro. A linda dama, condenada, na verdade interpela corajosa o rei, quando aparentemente lhe pede clemência. Até lhe chama covarde, se estou interpretando bem:

E se, vencendo a maura resistência,
 A morte sabes dar com fogo e ferro,
 Sabe também dar vida com clemência
 A quem pera perdê-la não fez erro (III, 128).

E agora, falando já pela própria boca, apostrofa o Poeta todos os “valentes”, todos os déspotas, todos os de mãos manchadas de sangue inocente, todos os brutos matadores:

Que furor consentiu que a espada fina,
 Que pôde sustentar o grande peso
 Do furor mauro, fosse alevantada
 Contra ãa fraca dama delicada? (III, 123)

Vejamos, por alto, como Camões explora a *fraqueza*.

Por exemplo: a alguém, menos atilado, poderia parecer que fosse preguiça, ou comodismo, ou dissipação deixar a meio uma empresa. Não ao Poeta. Ele vê claro que aí o pecado é contra a virtude da força. E, para valorizar o que proclama, vale-se de uma antítese e de um homeoteleuto - *fortaleza X fraqueza*:

E tu, Padre de grande fortaleza,
 Da determinação que tens tomada
 Não tornes por detrás, pois *é fraqueza*
Desistir-se da cousa começada. (I, 40)

Deleita-se, por assim dizer, o vate em denunciar, e condenar, um tipo de fraqueza, às vezes abjeto (como no caso da linda Inês): estadear, ou simplesmente aparentar força diante de sujeitos inermes. Cobardia, sim, mas sobretudo fraqueza:

Porque o generoso ânimo e valente,
 Entre gentes tão poucas e medrosas,
 Não mostra quanto pode; e com razão,
 Que *é fraqueza entre ovelhas ser lião.* (I, 68)

A mesma idéia está em IX, 80:

Fraqueza é dar ajuda ao mais potente.

Vindo do alto o exemplo, o vício é contagiante, como se viu do comportamento do “brando, remisso e sem cuidado algum Fernando”, que quase levava à ruína o indomável reino antigo, sim,

Que *um fraco rei faz fraca a forte gente.* (III, 138)

Mas não só: também quebranta, debilita e imbeciliza o ânimo dar pasto a paixão desregrada, atender aos apelos da carne infiel, contra razão. Por isso, bem parece

Que *um baxo amor os fortes enfraquece* (III, 139).

A ociosidade também traz o mesmo triste efeito:

Desperta já do sono do ócio ignavo,
Que o ânimo, de livre, faz escravo. (IX, 92)

O poeta, sentencioso, não se cansa de ir lançando aqui e ali observações e análises das manifestações e dos efeitos, bons e maus, da segunda virtude e do vício correlato:

Não sofre muito a gente generosa
Andar-lhe os cães os dentes amostando (I, 87).

... mui pouco val esforço e arte
Contra infernais vontades enganosas;
Pouco val coração, astúcia e siso,
Se lá dos céus não vem celeste aviso. (II, 59)

... As cousas árduas e lustrosas
Se alcançam com trabalho e com fadiga (IV, 78).

O coração sublime, o régio peito
Nenhum caso possível tem por grande (VIII, 69).

Se por ventura vindes desterrados,
Como já foram homens da alta sorte,
Em meu reino sereis agasalhados,
Que *toda a terra é pátria pera o forte* (VIII, 63).

Aqui me permito dizer que interpreto este “toda a” como “qualquer”. Não me parece que Camões quis aí dizer que a terra inteira serve de pátria ao forte, senão que qualquer terra, qualquer país, qualquer canto, independente de raça, ou língua, ou cultura, acolhe e perfilha o forte.

O poeta não se cansa, nem cansa. Mas este pobre prosador à Monsieur Jourdain cansa e deve estar cansando-vos. Hora é, pois, de colher as velas a esta parlenda. Já agora irei ao termo sem devanear em comentários, certamente gratos a mim, porém molestos a vós outros. Fiquemos só com os textos camonianos, enxutos, que todos sairemos ganhando. Até porque sempre virão a propósito, depois da introdução geral que aqui se lhes antepôs.

O magistrado judicial há de ser isento, e melhor lhe será desfazer-se de informes parciais de interessados.

*Não ouças mais, pois és juiz direito,
Razões de quem parece que é suspeito.* (I, 38)

enérgico e altaneiro disse Marte a Júpiter.

Poeta, homem de rara sensibilidade, Camões acredita no coração, inclina-se aos avisos dele, admite sem rebuços que ele pode ter premonição:

.... *o coração pressago nunca mente.* (I, 84)

Os homens mal intencionados de tudo desconfiam, tudo temem, porque se tornam incapazes de vivenciar a existência da pureza, da descontração, da simplicidade:

.... *da tenção danada nasce o medo* (I, 80).

*Que onde reina a malícia está o receio,
Que a faz imaginar no peito alheio.* (II, 9)

.... *nunca tirará alhea enveja
O bem que outrem merece e o céu deseja.* (I, 39)

A vitória é o quinhão do forte, não do violento, do que, falto de razão, apela para a bruteza, crendo matar com sangue o amor do bem:

Quem faz injúria vil e sem razão,
Com forças e poder em que está posto,
Não vence; que *a vitória verdadeira
É saber ter justiça nua e inteira.* (X, 58)

Quão preciosos são nestes tempos de mentira, de farisaísmo, de impostura, de falso louvor, de nebulosidade procurada na linguagem, para simular profundidade de juízo e de ciência, quão preciosos estes conceitos de Camões! Como, à sua vista, ficam ridículos os “intelectuais”, que a respeito de tudo hão de parvoejar, aflitos sempre por estarem “na moda”:

De Formião, filósofo elegante,
Vereis como Anibal escarnecia,
Quando das artes bélicas, diante
Dele, com larga voz tratava e lia:
A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na fantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando. (X, 153)

Nem lhe venham com enovelados raciocínios, palavrório retorcido ou tirante a sublime. Perdem o tempo, porque ele sabe e proclama que

.... *fácil é a verdade de entender-se.* (VIII, 75)

Atrás foi visto e dito que as coisas lustrosas só se alcançam com trabalho e com fadiga, como, aliás, já tinham dito os antigos que *per angusta ad augusta*, ou os cristãos da prisca idade que *per crucelem ad lucem*. Bem senhor desta verdade, cômico de que os altos feitos exigem aturada vigilância para realizados, Camões afirma peremptório:

.....nunca louvarei
O Capitão que diga: - Não cuidei. (VIII, 89)

Se é trágico fiar-se da infiel e falsa gente (cf. II, 6), é bom, é louvável, é remansoso viver do afeto verdadeiro,

... porque do certo e fido amigo
 É não temer do seu nenhum perigo. (VIII, 85)

Tanto se corre hoje atrás dos prêmios, da riqueza, do dinheiro! Muita vez até com descompassada ganância, com mal disfarçada avareza, e isto é grande estultice,

Porque essas honras vãs, esse ouro puro⁽³⁾
 Verdadeiro valor não dão à gente:
Milhor é merecê-los sem os ter
Que possui-los sem os merecer (IX, 93)

A Camões devemos não apenas a fixação desta esplêndida língua em que nos expressamos, não só alguns dos mais altos momentos da poesia universal, senão também uma bela coleção de regras de vida, que nos poderá fazer andar por caminhos seguros. Ouçamos-lhe também esta perene lição, saibamos estimá-lo também por isto. Será nosso tesouro maior, por sugestão sua, procurar sempre a verdade, como único farol da inteligência e base única do agir. Não nos surpreendamos com certos destemperos, porque devemos de saber

Que inimiga não há tão dura e fera
Como a virtude falsa da sincera. (X, 113)

Tenhamos por vento toda ambição (cf. X, 150), principalmente a de amontoar ciência vã e só erudita e momentaneamente aplaudida; só estimemos o honesto estudo, com longa experiência misturado (X, 154), e, quando, perplexos, necessitarmos de conselho, tomemo-lo “só de experimentados” (X, 152).

E, com isto,

chego, por fim, ao porto desejado.

- (1) Realmente, nos debates o Doutor Américo da Costa Ramalho, de Coimbra, informou-me que o grande musicólogo português Viana da Mota escreveu um trabalho nesta mesma linha. Raro que é, não pude pôr olhos nele, para ver se anula este meu ensaio. Em todo caso, o notável pianista não chegou a ser um camonista.
- (2) Disse *uerbis*, não *litteris*, porque o verso 8º do soneto 56 de *Rime Sparse* traz a forma herdada - *spiga* -, que Camões, ao que parece, preferiu substituir pela forma poética e latina - *spica*. Além disso, o Arezano interroga, enquanto o nosso afirma. Lembra muito bem Epifânio (1918, p. 192) que o sentido do verso é o mesmo do provérbio português “Da mão à boca se perde muitas vezes a sopa”.
- (3) Supondo interpretar corretamente, dou a este “puro” valor concessivo - “ainda que puro” -, exatamente como em I, 87: “Não sofre muito a gente (ainda que) generosa / Andar-lhe os cães os dentes amostrando”.

(In *Actas* da IV Reunião Internacional de Camonistas, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1984, pp. 373-384.)